



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

Depoimento nº: 05/17

Data: 17/07/2017

Local: Câmara dos Deputados

Duração: 1h43min

COLABORADOR

REYNALDO STAVALE - Servidor da Câmara dos Deputados e fotógrafo do *Jornal da Constituinte*.

SUMÁRIO

Depoimento sobre a Assembleia Nacional Constituinte de 1987 e 1988 para o acervo de depoimentos do Núcleo de História Oral do Centro de Documentação e Informação — CEDI.

Tópicos

1. Infância na Câmara dos Deputados. 2. O ingresso na Câmara e a formação acadêmica. 3. Envolvimento partidário. 4. O trabalho na Câmara. 5. Fotógrafo de Presidente da Câmara dos Deputados. 6. Novos trabalhos na Câmara. 7. A fotografia na Câmara dos Deputados. 8. A concorrência pelo melhor ângulo. 9. A neutralidade partidária da fotografia. 10. Momentos memoráveis na fotografia. 11. O momento pré-Constituinte. 12. As manifestações na Constituinte. 13. A Constituição. 14. Personagens da Constituinte. 15. Fotógrafo na Constituinte. 16. Na frente da lente. 17. As regras da fotografia no *Jornal da Constituinte*. 18. Os créditos da fotografia no *Jornal da Constituinte*. 19. O aprendizado com Alfredo Obliziner. 20. A seleção da fotografia no *Jornal da Constituinte*. 21. Os caminhos da fotografia da Constituinte. 22. Fotografias especiais para o *Jornal da Constituinte*. 23. O arquivamento das fotografias da Constituinte.

1. Infância na Câmara dos Deputados

Nasci no Rio de Janeiro e vim para Brasília logo após. Então, praticamente, sou de Brasília. Meu pai era funcionário do cartório e fez concurso. Em 1960, houve um concurso para a Câmara dos Deputados, no qual ele passou. Em seguida, ele trouxe a família para Brasília, porém nós não nos adaptamos. Brasília era uma cidade muito pequena. Aqui só havia barro, a cidade não tinha nada. Assim, voltamos para o Rio, onde passamos três anos. Depois meu pai veio de vez para Brasília e trouxe a família. Esse fato se deu em 1963 ou 1964. A partir daí, ficamos em Brasília permanentemente. Nós morávamos na 306, em um prédio da Câmara dos Deputados também. Moramos muito tempo lá. Depois, passamos a morar na 409, onde também havia apartamentos com muitos funcionários da Câmara, em frente ao Marista.



Conheci muitos funcionários da Câmara e os filhos deles que também estão aqui, trabalhando até hoje. Conheci muita gente, tanto na 306 e na 305, como na 409.

Desde cedo, desde criancinha, frequentava a Câmara. Meu pai me trazia para cá porque não havia ninguém para ficar comigo, não tinha babá. Então, ficava aqui na Câmara ou com minha mãe, que trabalhava no Instituto Nacional de Previdência Social - INPS, que ficava em um prédio que havia em frente à L-2 Sul. Não sei se ainda existe. O prédio do INPS — aquele que pegou fogo — era onde minha mãe trabalhava. Assim, frequento a Câmara há muito tempo.

Eu vi muitas coisas acontecerem aqui. Houve tiroteio no Banco do Brasil. Antigamente havia o Banco do Brasil, o Banco de Minas, do Magalhães Pinto, cujo nome eu esqueci¹ — acho que era Crédito Real de Minas, Credireal — e a Caixa Econômica. Os parlamentares andavam armados, principalmente alguns deles, o que era permitido inclusive aqui dentro. De vez em quando, as discussões se acaloravam no plenário e partiam depois para o lado de fora também. Havia certas confusões aqui. Lembro de o meu pai ter me jogado no chão por causa de tiros, essas coisas. Houve uma época, em 1967, mais ou menos, em que ocorreram alguns problemas políticos no Brasil. Não sei se foi em 1966. Houve alguns problemas, e os funcionários da Câmara — acho que foi em 1967 ou em 1968² — tiveram que sair da Câmara, porque os militares tomaram conta. Todo mundo foi mandado embora. Não foram mandados embora, porque eram funcionários públicos, mas passaram a receber só parte do vencimento, e todo mundo teve que trabalhar em outro órgão. Meu pai trabalhou no Hospital de Base. Em 1970, depois da Copa do Mundo, voltou todo mundo para a Câmara. Meu pai voltou a trabalhar aqui, e todos os outros funcionários voltaram. Eu vivi esses grandes momentos em Brasília. Eu conheço a Câmara há muito tempo, desde o início de Brasília.

2. O ingresso na Câmara e a formação acadêmica

¹ Banco Nacional de Minas Gerais, posteriormente apenas Banco Nacional.

² O Congresso foi fechado pelo Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, e reaberto 10 meses depois, em 15 de outubro de 1969, pelo Ato Institucional nº 16.



Quando eu cheguei a Brasília, fui para o Cor Jesu³. Eu tinha três ou quatro anos. Depois, fui para o Marista⁴, para o Dom Bosco⁵, que eram os colégios mais famosos que a cidade tinha na época. Também havia os colégios públicos, mas eu sempre estudei em colégio particular.

No vestibular, não consegui passar na UnB para Medicina, mas consegui passar em Minas Gerais. Porém, tomava alguns remédios para não dormir, para dar conta, e isso me fez muito mal. Acabei aqui no hospital da UnB, onde passei alguns meses internado.

Nesse período, o meu pai não queria que eu voltasse para a faculdade, porque eu morava sozinho com um funcionário da Câmara que fazia Medicina também lá em Minas. Então, fiz aquele concurso do Departamento Administrativo do Serviço Público - Dasp e fiquei esperando ser chamado. O Dasp me chamou aqui para a Câmara, justamente para a área de fotografia. Em 1978 e 1979, eu vim para cá e fiz alguns cursos aqui. Fiz o curso da Gestetner, que era de mecanografia. Fiz o curso de telex, porque havia telex aqui também. Depois fiz o curso de fotografia. O Dasp, disse que precisava de gente justamente na área da fotografia, que precisava de três pessoas. Eu vim e comecei a trabalhar aqui em 1980, já tomando posse.

Eu estava estudando, e o curso não tinha nada a ver com o meu trabalho, mas adorava o trabalho! Eu me apaixonei pela fotografia. Aí, fiz o curso de fotografia. Meu pai me arrumou um curso na Kodak, lá em São Paulo. Fui para São Paulo, fiz esse curso e me apaixonei pela fotografia. Desse período até a Constituinte 1988, eu simplesmente abandonei a faculdade. Estava trabalhando na Câmara com os cursos que tinha, porque era agente de cinematografia e microfilmagem. Eu não fiz concurso para o nível superior.

Ocorre que, a partir de 1988, verifiquei que o curso de Comunicação era muito importante nessa área de fotografia, porque os fotógrafos não são muito valorizados por não terem nível superior. Aqui no Brasil não há curso de fotografia nesse nível. Faz-se Comunicação para complementar o curso de fotografia, faz-se Comunicação para se ter nível superior e trabalhar na área de fotografia. Fiz o curso de

³ Colégio Cor Jesu funciona em Brasília desde 1962.

⁴ Colégio Marista de Brasília aberto em 1962.

⁵ Colégio Dom Bosco Brasília aberto em 1958, antes da inauguração da cidade.



Comunicação, mas não gosto de escrever muito, e não era a minha praia. Todo o curso de fotografia em Comunicação dura um semestre. Não se aprende, é muito superficial.

Após isso, fui fazer Contabilidade, uma coisa completamente diferente, porque me falaram que era um bom curso. Gosto muito de matemática. Nessa área, Matemática, eu sou muito bom. Depois da Contabilidade, fiz História. Por quê? Porque, como já estava dando aula de fotografia e como esse curso era voltado para dar aulas de História, fiz o curso de História para aprender a dar aula, a como organizar aula, etc. Fiz o curso justamente para me auxiliar nos cursos de fotografia que estava dando, inclusive aqui no Centro de Formação, Aperfeiçoamento e Treinamento - Cefor. Depois, fiz uma pós-graduação em Docência do Ensino Superior, justamente para me aprimorar mais nessa área.

3. Envolvimento partidário

Meu pai tinha um pouco de envolvimento com política. Eu, particularmente, não. Ele teve alguns problemas por causa disso, nos primeiros anos da década de 60. Depois de 1970, não teve mais problema. Mas, antes, ele teve problemas. Inclusive, meu pai sempre falava: “*Não se envolva politicamente*”. Por quê? Porque o funcionário da Câmara tem que se abster de envolvimento com algum partido. Eu concordo plenamente com isso. O funcionário da Câmara tem que ser neutro. Às vezes é um partido que está mandando, depois, é outro, então não dá certo isso. Sempre procurei ser neutro na atividade política.

4. O trabalho na Câmara

Sempre tive muita habilidade em lidar com pessoas. Isso me diferenciava dos outros funcionários. Logo que entrei na fotografia, logo que entrei na Câmara, o Eloy Ludolf Torelly, jornalista, que na era época meu chefe, percebeu isso e me colocava como subchefe. Depois, acabei assumindo a chefia, porque ele se aposentou, faleceu.

Na realidade, não queria ser chefe, queria ser fotógrafo, porque gostava de fotografar, revelar minhas fotos, mas a coisa foi me carregando para a chefia por causa dessa habilidade que tenho com as pessoas, de organizar as coisas com as



peessoas, ter certa paciência para administrar pessoas. Acabei sendo jogado para isso, mas, na realidade, queria ser fotógrafo.

Inicialmente, consegui. Aprendi a fotografar e, logo depois, fui para o cargo, vamos dizer, mais alto, que era o de fotógrafo do Presidente da Câmara. Ser fotógrafo do Presidente era como ser o melhor da fotografia. Fui para o gabinete e fui ser fotógrafo do Presidente. Na época em que entrei na Câmara, o Flávio Marcílio⁶ era o Presidente, e o fotógrafo dele, que foi justamente a pessoa que me ensinou, era o Jorge Pereira Rosa. Foi ele quem me ensinou, quando eu era garoto, mais jovem, a gostar de fotografia e querer aprender sobre ela. Depois nós nos encontramos de novo, até que ele saiu da Presidência e foi trabalhar no plenário, e fiquei no lugar dele. Fui fotógrafo do Ulysses⁷, do Ibsen⁸, do Paes de Andrade⁹ e até, acho, do Inocêncio¹⁰ — acho que o Inocêncio foi depois do Paes de Andrade. Foram Inocêncio, Paes de Andrade, Ibsen Pinheiro e Ulysses Guimarães.

Mas fiquei pouco tempo como fotógrafo, porque eles queriam que eu fosse o chefe. Percebi que não dá para você ser chefe e fotógrafo ao mesmo tempo: ou você está na seção, administrando, ou você está fotografando. Fiquei como chefe um período, mas depois pensei: *“Ou faço uma coisa ou faço outra”*. Fiquei só como chefe.

⁶ Flávio Portela Marcílio (1917-1992). Deputado Federal, 1963-1967, CE, PTB; Deputado Federal, 1967-1971, CE; Deputado Federal, 1971-1975, CE; Deputado Federal, 1975-1979, CE; Deputado Federal, 1979-1983, CE; Deputado Federal, 1983-1987, CE; Deputado Federal, 1987-1991, CE. Foi eleito presidente da Câmara dos Deputados para os períodos de 28 de fevereiro de 1973 a 2 de fevereiro de 1975; 2 de fevereiro de 1979 a 26 de fevereiro de 1981; e de 2 de fevereiro de 1983 a 28 de fevereiro de 1985.

⁷ Ulysses Silveira Guimarães (1916-1992). Deputado Federal, 1951-1955, SP, PSD; Deputado Federal, 1955-1959, SP, PSD; Deputado Federal, 1959-1963, SP, PSD; Deputado Federal, 1963-1967, SP, PSD; Deputado Federal, 1967-1971, SP, MDB; Deputado Federal, 1971-1975, SP, MDB; Deputado Federal, 1975-1979, SP, MDB; Deputado Federal, 1979-1983, SP, MDB; Deputado Federal, 1983-1987, SP, PMDB; Deputado Federal (Constituinte), 1987-1991, SP, PMDB; Deputado Federal, 1991-1995, SP, PMDB. Foi Presidente da Câmara dos Deputados de 11.mar.1956 a 11.mar.1958, 1985-1986, 1987-1988.

⁸ Ibsen Valls Pinheiro. Deputado Federal, 1983-1987, RS, PMDB; Deputado Federal (Constituinte), 1987-1991, RS, PMDB; Deputado Federal, 1991-1994, RS, PMDB; Deputado Federal, 2007-2011, RS, PMDB. Presidente da Câmara dos Deputados, 1991-1992.

⁹ Antonio Paes de Andrade (1927-2015). Deputado Federal, 1963-1967, CE, PSD; Deputado Federal, 1967-1971, CE, MDB; Deputado Federal, 1971-1975, CE, MDB; Deputado Federal, 1975-1979, CE, MDB; Deputado Federal, 1979-1983, CE, MDB; Deputado Federal, 1983-1987, CE, PMDB; Deputado Federal (Constituinte), 1987-1991, CE, PMDB; Deputado Federal, 1995-1999, CE, PMDB. Presidente da Câmara dos Deputados, 1989-1990.

¹⁰ Inocêncio Gomes de Oliveira. Deputado Federal, 1975-1979, PE, ARENA; Deputado Federal, 1979-1983, PE, ARENA; Deputado Federal, 1983-1987, PE, PDS; Deputado Federal (Constituinte), 1987-1991, PE, PFL; Deputado Federal (Congresso Revisor), 1991-1995, PE, PFL; Deputado Federal, 1995-1999, PE, PFL; Deputado Federal, 1999-2003, PE, PFL; Deputado Federal, 2003-2007, PE, PFL; Deputado Federal, 2007-2011, PE, PL; Deputado Federal, 2011-2015, PE, PR. Presidente da Câmara dos Deputados, 1993-1994.



5. Fotógrafo de Presidente da Câmara dos Deputados

Sempre tive habilidade com as pessoas. Por isso, com os presidentes com quem trabalhei, eu tinha uma relação muito amigável não só com eles, como com as esposas, os parentes, etc. Os presidentes com quem trabalhei sempre me davam liberdade total para estar onde quisesse. Quando fazia alguma coisa que achava que poderia dar algum problema, eu ia à Presidência e perguntava para o chefe de gabinete, ou para o próprio Presidente, se aquilo ali iria dar algum problema se viesse a ser publicado. Às vezes, ele pedia para não publicar. Dependia.

A gente recebia um *clipping*. Antigamente existia um negócio chamado *clipping*, que era um resumo de todas as matérias dos jornais do Brasil inteiro. Tinha essa preocupação de chegar e dar uma olhada no *clipping* para saber o que estava acontecendo no País, principalmente na área política. Então, já sabia, por exemplo, que o Presidente às vezes tinha tirado uma foto com uma pessoa, mas não queria que fosse publicada, porque essa pessoa estava envolvida com alguma coisa. Quando percebia isso, mostrava ao Chefe de Gabinete Abeguar¹¹, por exemplo, que era o Chefe de Gabinete do Presidente Ulysses — ou era a Dorothy¹² ou era o Abeguar. Sempre tive essa preocupação.

No caso do Ulysses Guimarães, ele foi Presidente da Constituinte. Na realidade, ele foi Presidente da Câmara dos Deputados antes da Constituinte. Passei um período com ele como Presidente da Câmara dos Deputados. Quando começou a Constituinte, na realidade, não havia mais esse negócio de estar junto com alguém, porque era um movimento muito grande aqui na Câmara, que estava sempre cheia de pessoas. O gabinete do Presidente era sempre muito lotado, não havia essa possibilidade.

Quando ele era simplesmente Presidente da Câmara, aí, sim, podia existir alguma foto com alguém que tivesse algum problema ou estivesse envolvido em alguma coisa, porque os políticos se abraçam, eles se cumprimentam, mesmo quando um com o outro estão com problema. Eu tinha esse cuidado de ver o *clipping* para saber das notícias, para ter ideia do que realmente estava acontecendo.

¹¹ Abeguar Machado Massera.

¹² Dorothy Prescott.



Chegava cedo à Câmara, bem cedo. Essa rotina variava com o Presidente, também. No caso do Ulysses Guimarães, chegava bem cedo, via o *clipping*, via todas as notícias sobre a Câmara e sobre o Presidente. O Deputado Ulysses Guimarães tinha problema para dormir. Ele não conseguia dormir por muito tempo. Ele ia dormir muito tarde e acordava muito cedo. Isso me fez trabalhar muito, porque o acompanhava inclusive quando ele saía da Câmara. Se ele ia, vamos dizer, ao Piantella, um restaurante que existia na 202, onde ele se encontrava com o Governador José Aparecido¹³, de quem era muito amigo, e outros colegas, eu o acompanhava. Às vezes, chegava em casa às 4 horas da manhã, e às 7 horas já estava na Câmara normalmente. Foi um período difícil.

O Ibsen e o Inocêncio dormiam pelo menos. Cada um tinha uma mania. Por exemplo, o Inocêncio só saía depois do *Jornal Nacional*. Ele sempre via o *Jornal Nacional* aqui, na televisão da Câmara. O Paes de Andrade era o que ficava menos tempo. Ele chegava por volta de 9 horas, 9h30min. Ele sempre colocava os embaixadores na parte da manhã da agenda dele. Tinha um cara que era responsável por isso, marcava os embaixadores em determinados horários. À tarde, ele ficava por conta da área mais política em relação à Câmara. Ele ia embora antes do jornal. Só quando havia noturna é que ele ultrapassava esse horário.

Eu fotografava o Presidente em todos os locais em que ele estava. Mas, na Constituinte, o volume de trabalho era muito grande. A Câmara estava cheia, com todas as Subcomissões, Comissões Temáticas, Comissão de Sistematização funcionando. Havia o gabinete do Presidente, que recebia visitas, e o plenário também. O que eu fazia? Eu corria. Por exemplo, nos intervalos, entre uma visita e outra do Presidente, eu escapava, corria a uma Comissão, fotografava e voltava. Às vezes, se a Comissão era no Senado, eu ia ao Auditório Petrônio Portela, fotografava, voltava e cobria o Presidente. Se o Presidente ia ao plenário, eu o fotografava um pouco no plenário, saía correndo, ia ao plenário do Senado e fotografava também.

Fazíamos também fotografias de todas as visitas que o Presidente recebia, inclusive dos parlamentares. O Presidente recebia as misses, por exemplo — isso acontecia sempre —, e aí fazíamos aquelas fotos com elas, as meninas eram muito

¹³ José Aparecido de Oliveira, governador do Distrito Federal (1985-1988).



bonitas, fazíamos as imagens. Eu fazia tudo. Ao gabinete do Presidente o parlamentar não tem acesso direto, livre, não vai lá toda hora; só alguns parlamentares que são mais ligados ao Presidente. Mas muitos parlamentares vão ou levam alguém para conversar com o Presidente. Bastava eles irem conversar com o Presidente, ou o Secretário-Geral da Mesa ou o Diretor-Geral irem conversar com o Presidente, que eu fotografava tudo.

Por exemplo, na reunião da Mesa, são tratados assuntos somente da Mesa, internos, e eu também fotografava, está tudo registrado. Todas as pessoas que ele recebia, algumas para pedir dinheiro, o que acontece muito — o cara é do estado do parlamentar, ou então tem conhecimento, ou votou no parlamentar, não sei, mas está numa situação complicada, vai lá pedir dinheiro —, eu fotografava.

Nós tínhamos tudo e identificávamos o nome das pessoas e o que elas eram, todos os estrangeiros, mil delegações, os chefes de estados que foram recebidos na época da Constituinte. Nós recebemos muitos chefes de estado, como o Presidente dos Estados Unidos, o Presidente do Irã, quando o Irã estava com problemas, os parlamentares não queriam ficar perto dele, mas foi fotografado; ele veio aqui, foi recebido, acho, pelo Vice-Presidente, nem foi pelo Presidente, mas tudo está registrado. Nós registramos tudo, tudo, tudo.

6. Novos trabalhos na Câmara

Hoje trabalho num setor de administração que não tem nada a ver com fotografia. Até hoje, faço as mesmas coisas, só para você ter ideia. Além de fotografia — eu ajudo muito —, faço também a parte de administração do prédio.

Saí da fotografia por um motivo muito simples: quando entrei, para ser o chefe, tinha a meta de transformar o setor de fotografia da Casa no maior do serviço público brasileiro, porque a Câmara dos Deputados é o órgão público de maior importância do País. Achava que ele tinha que ser o maior e o mais importante do Brasil. Investi muito no meu trabalho durante a minha vida. Fiz com que uma seção de fotografia, que era uma sala, se tornasse, vamos dizer, um serviço fotográfico com vários setores, que separei por áreas. Vários chefes me reportavam sobre o andamento dos trabalhos. Atendia a Casa toda, o Brasil inteiro e até o mundo. A gente fazia exposição, por exemplo, na Europa. Atendia muito bem as pessoas.



O que eu fazia para aumentar o número de funcionários? Isso é muito difícil aqui na Câmara. O que eu fazia? Dava aula de fotografia no Cefor para outros setores da Casa. Quando observava que alguém havia se apaixonado por aquilo, oferecia um trabalho comigo. Eu ia arrebanhando gente de todos os setores. Dessa forma, consegui montar uma equipe bem grande na época. Isso foi muito interessante.

Aí entrou uma colega como Diretora da *TV Câmara*. Não concordei com o sistema que ela queria implantar. Obviamente, se um superior quer implantar um sistema, ele tem que arrebanhar um grupo que esteja na mesma sintonia, para que consiga fazer o planejado. Não estava na mesma sintonia com ela. Achava que a ideia não ia dar certo. Ela queria implantar a sistemática do jornal norte-americano *The New York Times* na Câmara. Ela queria implantar isso aqui. Não concordava por achar que lá o ambiente é diferente, não é de serviço público, não é nada. Pedi que me deixasse sair. Ela aceitou numa boa, não me impediu.

Saí para trabalhar no Detec — Departamento Técnico. Logo me arrumaram uma chefia na administração do prédio. Na realidade, fui trabalhar primeiro na Diretoria da Caedi — Coordenação de Administração de Edifícios. Depois é que me arrumaram outro. Mas lamento muito ter abandonado a fotografia, lamento inclusive o que aconteceu com ela, que enxugou. O quadro de fotógrafos era grande e ficou pequeno, ínfimo, o mínimo necessário. Hoje em dia, quem segura a barra do setor é uma empresa particular, contratada pela Câmara para resolver os problemas do setor de fotografia. Isso foi o que aconteceu. Os colegas fotógrafos que trabalhavam comigo estão espalhados pela Casa — transporte, segurança —, em todos os lugares.

7. A fotografia na Câmara dos Deputados

A fotografia participa muito da Câmara dos Deputados. Antigamente nós éramos peritos também. Se o carro da Câmara batia — havia aquelas caminhonetes — tinha de se fazer a perícia, e a fotografia ia lá e fotografava. Se foi preso não sei quem que estava roubando computador aqui dentro da Câmara, a fotografia ia lá e fotografava. A Câmara contratou uma empresa para aquela construção lá do Cefor que, no meio do caminho, largou a obra. Nós fomos lá fazer a perícia para fazer parte dos processos, porque, se a empresa não ia dar continuidade, quem iria construir seria a Câmara. Quer dizer, faz-se o acompanhamento das obras, de tudo, do casamento



da filha do Paes de Andrade. Entendeu? Acompanhamos festas que não fazem parte do trabalho da fotografia da Câmara. Mas isso vai se espalhando, não tem jeito de se evitar essas coisas. Eu não sei como é na *TV Câmara*. Mas é difícil. Funciona mais ou menos igual à *TV Câmara*.

Alguns parlamentares se recusaram a ser fotografados. O Balestra¹⁴, por exemplo, foi um parlamentar que não queria ser fotografado. Tudo depende do que está acontecendo com o parlamentar. Vamos supor que você é parlamentar e está sendo acusado de alguma coisa ou está sendo ameaçado por alguém. Ora, a sua imagem pode ser manipulada, podem fazer o que quiserem com ela. Então, você tem que se prevenir. Qual sua forma de se prevenir? É não se deixar ser fotografado ou criar dificuldades para isso. Mas o não deixar é muito relativo, porque o fotógrafo consegue tirar fotos de qualquer pessoa. Não tem jeito de você escapar de fotógrafo. Mas você pode dificultar isso ao máximo. E alguns deputados, alguns parlamentares, de acordo com o que estava acontecendo com eles, dificultavam mesmo. Você simplesmente não podia ir ao gabinete deles para fazer uma foto, porque normalmente estava acontecendo alguma coisa, eles estavam sendo ameaçados. Isso acontece muito.

Também acontecia, por exemplo, os parlamentares, principalmente as mulheres, quererem sair muito bonitos nas fotos. E, muitas vezes, quando as mulheres não se achavam bonitas, elas ligavam para a fotografia e mandavam eliminar o negativo em que estavam com aquela “cara”. Mas eu não eliminava, porque era patrimônio da Câmara. Púnhamos a fotografia em envelope e colocávamos que não se podia copiar de jeito nenhum, ou, então, retirávamos.

Houve também a fotografia do soco que o Deputado¹⁵ deu um soco na Raquel Cândido¹⁶. Ela levou um soco na cara de um Deputado no plenário¹⁷. O fotógrafo

¹⁴ Roberto Egídio Balestra. Deputado Federal (Constituinte), 1987-1991, GO, PDC; Deputado Federal (Congresso Revisor), 1991-1995, GO, PDC; Deputado Federal, 1995-1999, GO, PPR; Deputado Federal, 1999-2003, GO, PPB; Deputado Federal, 2003-2007, GO, PPB; Deputado Federal, 2007-2011, GO, PP; Deputado Federal, 2011-2015, GO, PP; Deputado Federal, 2015-2019, GO, PP.

¹⁵ Antonio Nobel Aires Moura. Deputado Federal, 1991-1993, RO, PTB.

¹⁶ Raquel Cândido e Silva. Deputada Federal (Constituinte), 1987-1991, RO, PFL; Deputada Federal, 1991-1994, RO, PDT.

¹⁷ “Raquel Cândido também é autora das primeiras denúncias envolvendo deputados de Rondônia com o narcotráfico. Suas acusações lhe valeram um soco no rosto em plenário, desferido por seu colega de estado Nobel de Moura” *Banco de Notícias Selecionadas* (BNS). 05/01/2005 Correio Braziliense / Política / Página 4



9. A neutralidade partidária da fotografia

Não havia preferências políticas na fotografia, porque existia, e provavelmente existe até hoje, reuniões na própria Secom, a Secretaria de Comunicação, justamente com conversas sobre a neutralidade do jornalista da Câmara. Já houve vários debates. Eu fui a vários debates. Ocorre mais ou menos o mesmo com a fotografia. Os fotógrafos dos outros jornais, os jornais normais, consideram que nós da Câmara dos Deputados não fazemos fotojornalismo, mas foto documental, vamos dizer assim. Mas eles não sabem que é óbvio que nós queremos fazer fotojornalismo, porém, isso não é adequado ao nosso jornal. O mesmo acontece com os nossos jornalistas. Existe o chefe no jornal, e ele vê isso.

É mais fácil, na minha opinião, fotografar a Esquerda. Por quê? Porque normalmente a Esquerda faz estardalhaço, e isso fica muito melhor na fotografia. Normalmente a pessoa está gesticulando muito, gritando, e isso fica melhor. Mas, particularmente, eu acho que a Secretaria de Comunicação é extremamente neutra nesse ponto. Por exemplo, a Secretaria de Comunicação sempre faz reuniões com os jornalistas e os fotógrafos — deve fazer também com os cinegrafistas etc. —, justamente para acertar essas arestas. A Secretaria tem que ser neutra, o jornalista tem que fazer uma matéria neutra. Os fotógrafos e os cinegrafistas têm que fazer uma filmagem e uma fotografia neutras. Eles não podem tomar partido de jeito nenhum. Desde quando eu entrei na Câmara, vêm sendo feitas essas reuniões, sempre pontuando desta forma: *“O funcionário da Câmara não pode ser partidário”*. É solicitado isso sistematicamente, eu acho, até hoje.

10. Momentos memoráveis na fotografia

Algumas situações ficaram na minha memória. Uma delas foi uma manifestação que veio da rodoviária para cá. Eu estava na frente do Congresso. Os manifestantes estavam quebrando e queimando carros da polícia, estava uma confusão danada. Aí, quando chegaram na parte de cima do gramado — era um grupo bem grande, muita gente mesmo —, desceram correndo pelo gramado. Eles arrancaram o cimento da passarela, da calçada. Eles arrancaram aquilo, acredita? Eram pedaços de pedras imensos. E desceram para o Congresso a toda velocidade. Eu estava aqui embaixo, só esperando. Naquele momento, fiquei emocionado. Deu



até medo, porque eles estavam vindo numa violência danada, jogavam pedra na polícia mesmo. Isso foi justamente antes da Constituinte. O General Newton Cruz¹⁹ era horrível. Aquele cara era mau. Mas o povo também foi muito violento nesse episódio.

Uma vez, estava fotografando no Superior Tribunal Federal, o STF — isso foi na época do Flávio Marcílio —, e o Newton Cruz estava lá. O Presidente era o Ernesto Geisel²⁰. Estávamos lá fora, e chegou o Presidente Ernesto Geisel com o Presidente da Câmara. Nós, aquele bando de fotógrafos, começamos a fotografar e a filmar. Ele ia dar uma entrevista. Uma jornalista fez uma pergunta idiota ao Presidente Ernesto Geisel, e ele se virou para o Newton Cruz, que estava atrás dele. Disse alguma coisa, e o Newton Cruz mandou arrancar todo mundo de lá. O cara não era fácil não.

Outra situação que me emocionou muito foi a morte do Dr. Ulysses, que ocorreu estranhamente. Certa vez ele pediu para eu ir tirar uma foto dele para um documento. Ele estava como parlamentar, e fui ao gabinete dele, no Anexo IV, tirar uma foto 3 por 4. Quando cheguei lá e fiz as imagens, eu o achei muito velhinho. Ele já era velho na época da Constituinte. Mas achei que estava muito debilitado. Logo depois, soube da morte dele, quando caiu o helicóptero. Isso me marcou um pouco.

Outro momento importante e que achei muito legal foi uma foto que tirei de Oscar Niemeyer²¹. Oscar Niemeyer foi chamado aqui para fazer o lago em frente ao Congresso. Houve um acidente no Palácio do Planalto, um cara entrou com o carro lá dentro e, então, eles construíram um lago em frente. Aí, o departamento de obras da Câmara, ou melhor, o Detec, pediu que o Presidente solicitasse ao Oscar Niemeyer fazer a mesma coisa na frente do Congresso. O Oscar Niemeyer desenhou aquele lago. Ele veio a Brasília — ele sempre vinha de carro, porque não andava de avião —, encontrou-se com o Presidente da Câmara, para desenhar aquele lago. Eu fiz essa foto. Ali também estava o Governador, etc.

¹⁹ General Newton Cruz, comandante militar do Planalto de 1983-1984, anteriormente chefe da Agência Central do Serviço Nacional de Informação. V. Newton Cruz - <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/newton-de-araujo-de-oliveira-e-cruz>

²⁰ General Ernesto Geisel. Vigésimo Primeiro Período de Governo Republicano - 15.03.1974 a 15.03.1979. V. Ernesto Geisel, General - <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/ernesto-geisel>

²¹ Oscar Niemeyer (1907-2012). Arquiteto. V. <http://www.niemeyer.org.br/biografia/2005-2012>



Houve outra ocasião em que me emocionei mesmo. Foi em uma sessão solene, e o Dr. Ulysses estava abraçado com o Grande Otelo²². Os dois choraram, foi muito emocionante. Fotografei a cena, eles se abraçando e chorando²³. Foi em uma sessão solene, foi muito legal. Isso aconteceu na época da Constituinte. Muito bom.

Houve muitos momentos marcantes para mim. A fotografia é marcante. Eu fotografei os motores de Itaipu. Sabe a represa de Itaipu? Fui fotografá-la, com os parlamentares, e entrei no local onde ficam os motores, aquelas turbinas. Foi emocionante. Também fotografei uma plataforma de petróleo no Rio. Fiz a imagem de muitas coisas interessantes, que foram realmente marcantes para mim, como o problema da mamona.

Também vivi alguns momentos difíceis em que eu não queria fazer a imagem. Houve um deputado — não lembro o nome dele agora, mas ele era médico e magro — estava na tribuna fazendo o discurso dele e passou mal. Ele começou a vomitar e desceu da tribuna. Eu queria ajudar o deputado, mas, ao mesmo tempo, quando se é fotógrafo e jornalista, tem-se que fazer a imagem, depois se ajuda. Sou desta linha: se a pessoa estiver se afogando, primeiro fotografe, depois tente salvá-la. E não a tire sem bater a foto, senão não haverá foto. Eu o fotografei. Ele estava passando bem mal mesmo e chegou o pessoal do serviço médico da Câmara, que o colocou na maca e o levou. Ele teve uma desidratação. Isso é muito ruim. Eu me senti muito mal com isso. Há momentos difíceis na fotografia. Mas você é fotógrafo e tem que fazer, senão... E o Alfredo Obliziner, meu diretor, era fogo! Ele sempre dizia: *“Se uma velhinha estiver numa cadeira e você precisar subir na cadeira, você tem que pegar a velhinha, pedir a ela que se levante, subir na cadeira e fotografar. Depois você pega a velhinha e a coloca sentada de novo. Não me deixem de fazer a foto!”* É difícil.

Uma vez nós reunimos todas as parlamentares mulheres. Também foi muito legal, foi uma felicidade. Eu gostei muito de fazer isso. Estavam senadoras e deputadas. Fizemos umas imagens com o quadro do Di Cavalcanti ao fundo, no Salão Verde. Depois fomos para fora, em frente à rampa do Congresso, para fazer as

²² Grande Otelo ou Sebastião Bernardes de Souza Prata (1917?-1993). V. Personalidades Negras – Grande Otelo. <http://www.palmares.gov.br/archives/39239>

²³ Cf. “A arte da política abraça a arte da vida”. **Jornal da Constituinte**, Brasília, de 21 a 27 de setembro de 1987, n. 17, p. 16.



imagens. Elas foram muito legais, muito divertidas. Se fosse foto de homem, seria impossível fazer, porque eles não iriam. Mas a mulherada adorou. As parlamentares gostaram de fazer. Foi emocionante. Eu acho que a foto saiu no *Jornal da Constituinte*²⁴. Estava a Rita Camata²⁵, estava a que foi Vice-Presidente da Câmara e muitas parlamentares. Agora não me lembro mais do nome da deputada que foi Vice-Presidente²⁶. Na época, ela era uma moça muito bonita. Ela é uma pessoa muito legal. Gostei muito. Essa imagem me emocionou.

11. O momento pré-Constituinte

Como estou em Brasília desde muito cedo, sou muito ligado a três pessoas: Burle Marx²⁷, Oscar Niemeyer e Athos Bulcão²⁸. Sou ligado à Peretti²⁹ também por causa desses trabalhos que ela tem em Brasília. Sempre idolatrei essas pessoas, sempre estava envolvido e fotografando coisas relacionadas a essas pessoas.

Para mim, a Constituinte inicialmente não foi aquela coisa, porque eu estava muito ligado a essas três pessoas. Não havia muita coisa. Houve uma Comissão que permitiu a nova Constituição, que inclusive fotografei, e a foto depois até saiu no livro da Agil³⁰. Foi a primeira foto da Comissão.

Não havia aquele movimento na Casa antes, o movimento era mais parlamentar. As Comissões eram vazias, não havia manifestações de jeito nenhum. Na época do Tancredo, a época das Diretas Já foi muito importante. Isso foi antes da Constituinte, e eu participei, fotografei muito, trabalhei muito. Vim à posse do

²⁴ V. Liberdade, igualdade, fraternidade. *Jornal da Constituinte*, de 14 a 20 de setembro de 1987, n. 16, p. 3.

²⁵ Rita de Cássia Paste Camata. Deputada Federal (Constituinte), 1987-1991, ES, PMDB; Deputada Federal, 1991-1995, ES, PMDB; Deputada Federal, 1995-1999, ES, PMDB; Deputada Federal, 1999-2003, ES, PMDB; Deputada Federal, 2007-2011, ES, PMDB.

²⁶ Rose de Freitas. Deputada Federal (Constituinte), 1987-1991, ES, PMDB; Deputada Federal (Congresso Revisor), 1991-1995, ES, PSDB; Deputada Federal, 2001-2002, ES, PSDB; Deputada Federal, 2003-2007, ES, PSDB; Deputada Federal, 2007-2011, ES, PMDB; Deputada Federal, 2011-2015, ES, PMDB. 1ª Vice-Presidente da Câmara dos Deputados, 1/2/2011 - 4/2/2013. Senadora, 2015-2023, ES, PMDB.

²⁷ Roberto Burle Marx (1909 - 1994). Paisagista, arquiteto, desenhista, pintor, gravador, litógrafo, escultor, tapeceiro, ceramista, designer de joias, decorador. V. Burle Marx - <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1461/burle-marx>

²⁸ Athos Bulcão (1918-1991). Pintor, escultor e desenhista. V. Athos Bulcão - <http://www.fundathos.org.br/athos-bulcao>

²⁹ Marianne Peretti. Pintora, escultora e desenhista. V. <http://www.marianneperetti.com.br/>

³⁰ **O processo constituinte 1987-1988**: documentação fotográfica: a nova constituição / [coordenação editorial: Milton Guran; documentação fotográfica por André Dusek ... et al.]. -- Brasília:Agil, 1988.



Presidente Tancredo, à qual ele não veio porque adoeceu. Depois ele morreu. Antes fui até Minas. Viajei muito pela Câmara. Viajei para São Paulo ou Rio, para fazer aquelas manifestações das Diretas Já, inclusive com a presença do Ulysses Guimarães. Houve o falecimento do Tancredo, que foi outro momento também muito difícil, houve a posse do José Sarney como Presidente da República.

Nessa época, existia ainda um general que deu uma ordem para acabar com determinada manifestação. Houve um tumulto em Brasília, com queima de carros e essas coisas. Depois falaram que houve um problema com a polícia, que houve uma briga entre a Polícia Civil e a Polícia Militar. Mas, na realidade, foi um general que mandou tirar as pessoas desse gramado aqui, limpar a área.

Esse foi um movimento que não tinha nada a ver com a Constituição ainda, não tinha a ver com a Constituinte, mas estava naquele turbilhão da passagem, vamos dizer, de um governo que era imposto para outro escolhido pelo voto. Foi uma coisa meio turbulenta. Logo depois veio a Constituinte. Quer dizer, só dei seguimento a isso na realidade.

12. As manifestações na Constituinte

Agora, dentro do Congresso mesmo, não havia movimentação como na época da Constituinte. Quando as Comissões Temáticas começaram a ser realizadas, começou mesmo a chegar muita gente na Câmara. Chegavam muitas pessoas. Eram, por exemplo, os idosos, que se manifestavam, os índios, as domésticas, os estudantes — a União Nacional dos Estudantes (UNE) nessa época já existia, e era forte. Todos os grupos, médicos, advogados, todos os segmentos da sociedade vieram à Câmara, ou para fazer uma visita ao Presidente, que era o Ulysses, ou para se manifestar na Comissão, porque tinham interesse em que seus direitos estivessem na Constituição. Com isso, cresceu muito o número de pessoas aqui, demais mesmo!

As manifestações não eram como as de hoje, violentas, as manifestações eram até boas. Então, por exemplo, na pressão que os índios faziam, os parlamentares passavam pelo meio falando com eles. Às vezes, se ia ser votada determinada coisa, eles passavam no meio e davam um o.k. lá, dizendo que eram a favor de ampliar as terras indígenas ou sei lá. Existia esse contato. Hoje, não, hoje a coisa é diferente, hoje as manifestações são contra alguma coisa, são negativas. Então tem que haver



segurança para tirar os manifestantes ou nem os deixar entrar. Naquela época, as manifestações eram feitas aqui dentro, mas eram totalmente pacíficas. Eram manifestações apenas para mostrar que eles estavam ali, que existiam minorias.

Durante o período da Constituinte, o País continuou com os problemas que existiam. O Bresser³¹, naquela época... O País vivia o problema da hiperinflação, etc. Existiam os problemas reais do Brasil. Eu vou dar um exemplo. Houve uma manifestação no plenário quando eles votaram alguma coisa para mudar o salário mínimo, que era realmente muito mínimo naquela época. O que eles fizeram? Eles botaram o povo lá, e as pessoas se manifestaram lá de cima jogando moedas para os deputados. Só que, jogando as moedas de cima do plenário, elas chegavam lá embaixo machucando os deputados, que tiveram que se jogar embaixo das mesas, para se proteger das moedas³². Era esse o tipo de manifestação. Mas isso não tinha a ver com a Constituição, isso tinha a ver com o dia a dia do Brasil, que estava vivendo um momento difícil, de hiperinflação, de problemas na saúde e na segurança. Eram mais ou menos os mesmos problemas de hoje, mas a coisa agora está muito pior.

Concomitantemente, havia manifestação das classes que estavam defendendo os seus direitos na Constituição. É óbvio que, em algumas classes, havia dois lados. Por exemplo, se fosse votado algo a favor de um dos lados, o outro não ficava satisfeito, mas não havia manifestações violentas. Eram manifestações das classes para garantir seus direitos na Constituição. Era desse jeito. Víamos muita gente aqui. Inclusive, alguns funcionários que se aposentavam trabalhavam como lobistas aqui dentro. Existia muito *lobby*, principalmente envolvendo grandes interesses, como Petrobras, petróleo, subsolo brasileiro. Esses temas foram discutidos na época. Médicos e advogados também o faziam, sempre há *lobby* por trás dos interesses deles. Até as Forças Armadas têm, para você ter uma ideia. Isso existia, e nós lidávamos com eles. Fotografávamos com cuidado. Sempre tive muito cuidado com

³¹ Luiz Carlos Bresser-Pereira. Ministro da Fazenda (1987). Ministro da Administração e Reforma do Estado (1995-1998). Ministro da Ciência e Tecnologia (1999). Professor da Fundação Getúlio Vargas. V. <http://www.bresserpereira.org.br/>

³² “A decisão de envidraçar as galerias do plenário foi tomada em reunião da Mesa Diretora da Câmara em 30 de setembro de 1993, depois de uma polêmica votação na qual manifestantes atiraram moedas e notas sobre os deputados”. Câmara acaba com parede de vidros que separava plenário das galerias. <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2004-01-05/camara-acaba-com-parede-de-vidros-que-separava-plenario-das-galerias>



isso, porque é meio perigoso, principalmente para nós que estamos trabalhando aqui na Câmara. Tínhamos cuidado com isso, mas fazíamos as imagens com eles também.

13. A Constituição

Na época, diziam que a Constituição era muito longa. Uns diziam isso, outros, não. Na realidade, eles não pegaram a anterior e elaboraram essa nova, não. Eles começaram do zero. Isso nunca havia acontecido no Brasil. Foi a primeira vez. Eles começaram do zero, do nada.

Eu acho que isso foi muito benfeito. Mas havia o Afonso Arinos³³, havia pessoas muito capacitadas na época, havia o Bernardo Cabral³⁴, que também foi muito bom. Isso fez com que a Constituição ficasse ótima, que até hoje está muito bem. Eles não podiam prever as coisas que estão acontecendo.

A Constituição é a Lei Maior. As menores, as que estão abaixo, não foram totalmente feitas até hoje porque as leis vão sendo regulamentadas. Essa regulamentação está sendo feita até hoje, não terminou e está longe de terminar. É possível haver outra Constituinte sem haver a regulamentação de todas elas.

Em minha opinião, o tema mais forte quanto aos problemas gerados para os parlamentares aqui dentro estava relacionado à terra, aos sem-terra. Na época, o termo não era sem-terra, era outro. Essa questão gerou um grande debate, foi um grande problema. Agora, o tema que mais me tocou estava relacionado às minorias, aos direitos conquistados por elas. Eu achei isso muito legal, muito importante.

Quanto ao regime de governo, que também acho muito importante, eles não sabiam o que fazer. Lembro do Dr. Ulysses até discutindo isso a portas fechadas. Uns queriam o parlamentarismo, outros queriam o presidencialismo. E Cunha Bueno³⁵ queria o retorno do Império. Esse era doido! Existia uma briga entre parlamentarismo

³³ Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990). Deputado Federal, MG, 1947-1959; Senador, DF, 1959-1961; Ministro Relações Exteriores, 1961; Senador, GB, 1961-1962; Ministro Relações Exteriores, 1962; Senador, GB, 1962-1967; Senador, RJ, 1987-1990; Constituinte, 1987-1988.

³⁴ José Bernardo Cabral. Deputado Federal, 1967-1969, AM, MDB; Deputado Federal (Constituinte), 1987-1991, AM, PMDB; Ministro da Justiça (1990); Senador, AM, PFL, 1995 a 2003. Relator da Comissão de Sistematização, 1987-1988; Relator Comissão de Redação, 1988.

³⁵ Antônio Henrique Bitencourt Cunha Bueno. Deputado Federal, 1975-1979, SP, ARENA; Deputado Federal, 1979, 1982-1983, SP, ARENA; Deputado Federal, 1983-1987, SP, PDS; Deputado Federal (Constituinte), 1987-1991, SP, PDS; Deputado Federal, 1991-1995, SP, PDS; Deputado Federal, 1995-1999, SP, PPR; Deputado Federal, 1999-2003, SP, PPB.



e presidencialismo. Eles queriam uma coisa nova. Na realidade, eu acho que o que aconteceu foi uma mistura. Nós vivemos um parlamentarismo que não é parlamentarismo e um presidencialismo que não é presidencialismo. Fizeram uma coisa meia-boca. Mas discutiam muito. Lembro de que os que queriam o presidencialismo diziam que o Brasil nunca viveu um pleno presidencialismo. Eles achavam que o nosso sistema de governo deveria ser presidencialista mesmo.

Na área da educação, na Comissão de Educação, outro tema que foi muito debatido, além do que eu falei para vocês, da terra, foi a educação. Esses dois temas, educação e terra, foram muito debatidos. Lembro que o Dr. Ulysses se debruçava sobre isso aí, porque não havia acordo. Não havia unanimidade no negócio. Havia muitos problemas. Na Comissão de Educação, até quando foi para a Comissão de Sistematização, a coisa já foi complicada, porque eles não terminaram³⁶. Entendeu? Foi um negócio difícil. Mas havia alguns Deputados à frente disso, inclusive, aquele Florestan Fernandes³⁷. Havia pessoas, assim, muito capacitadas, na época, para dar seguimento ao negócio. É muito importante.

Havia a Comissão de Educação; a que tratava da terra. Também havia a Comissão do Petróleo. Naquela época, eles lançaram o tal do negócio *O Petróleo é nosso*, algo assim. E isso também foi muito interessante, muito importante para o nosso País.

14. Personagens da Constituinte

Sobre Ulysses Guimarães nós falamos muito. Era uma pessoa maravilhosa, a esposa dele também. Pude relacionar-me bastante com ele. Era uma pessoa muito capacitada e de força muito grande junto aos parlamentares da época. Marcelo Cordeiro³⁸, que foi o 1º Secretário, responsável pelo *Jornal da Constituinte*, era, por exemplo, um dos que sempre nos lembrava da neutralidade da notícia e de estarmos em todos os lugares ao mesmo tempo. Ele e o Alfredo cobravam muito da gente essa

³⁶ V. Ofício do presidente da Comissão da Família, da Educação, Cultura e Esportes, da Ciência e Tecnologia e da Comunicação <http://www.camara.gov.br/internet/constituicao20anos/DocumentosAvulsos/vol-206.pdf>

³⁷ Florestan Fernandes (1920-1995). Deputado Federal (Constituinte), 1987-1991, SP, PT; Deputado Federal, 1991-1995, SP, PT. Sociólogo. Professor da USP.

³⁸ Marcelo Ribeiro Cordeiro. Deputado Federal, 1979-1983, BA, MDB; Deputado Federal, 1983-1987, BA, PMDB; Deputado Federal (Constituinte), 1987-1991, BA, PMDB. Primeiro-Secretário da Assembleia Nacional Constituinte.



postura. Ele fazia entrevistas, acho que nas Comissões, não me lembro bem, com parlamentares que estavam por dentro de determinados temas. Isso ia para o jornal, se eu me lembro bem. Era muito interessante. E ele fazia com que o parlamentar falasse a mais, ele fechava, para que não ficasse nada assim... A pessoa não podia tomar também partido daquilo, mas sim falar sobre o assunto; não tomar partido daquilo, entende? Até com os parlamentares ele era duro. Mas foi bom, ele também é uma pessoa que deve ser lembrada: Marcelo Cordeiro. Outra pessoa é o Bernardo Cabral, também um cara que trabalhou. E o Afonso Arinos? Eles eram muito capazes e fizeram um trabalho muito bom, eu acho. O José Fogaça³⁹ também era uma pessoa genial, também era membro da Mesa. Eu não lembro o que ele era, mas ele era membro da Mesa, ou então era Constituinte. O Arnaldo Faria de Sá⁴⁰ até um rato ele pegou no plenário, só para você ter uma ideia. Você acredita? Ele pegou, matou o rato e o segurou⁴¹. Ele também era muito ativo. O Deputado Genoíno Neto⁴² foi um deputado muito ativo, muito presente. Infelizmente, depois ele se debandou. Mas ele era um parlamentar muito ativo, muito importante para a Constituinte. O Roberto Freire⁴³ também foi muito importante. Naquela época, havia muita gente importante. O Governador do Rio também era importante, o Leonel Brizola⁴⁴.

15. Fotógrafo na *Constituinte*

³⁹ José Alberto Fogaça de Medeiros. Deputado Federal, 1983-1987, RS, PMDB; Deputado Federal, 2015-2019, RS, PMDB; Senador, RS, 1987 a 1995, Constituinte Senador, RS, Partido, 1995 a 2003. Relator adjunto da Constituinte.

⁴⁰ Arnaldo Faria de Sá. Deputado Federal (Constituinte), 1987-1991, SP, PTB; Deputado Federal (Congresso Revisor), 1991-1995, SP, PRN; Deputado Federal, 1995-1999, SP, PPR; Deputado Federal, 1999-2003, SP, PPB; Deputado Federal, 2003-2007, SP, PTB; Deputado Federal, 2007-2011, SP, PTB; Deputado Federal, 2011-2015, SP, PTB; Deputado Federal, 2015-2019, SP, PTB.

⁴¹ V. Tem rato no plenário. **O Estado de São Paulo**, quinta-feira, 5-11-1987. Jornal da tarde, p. 5.

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/152111/Nov_87%20-%200742.pdf?sequence=1

⁴² José Genoíno Neto. Deputado Federal, 1983-1987, SP, PT; Deputado Federal (Constituinte), 1987-1991, SP, PT; Deputado Federal, 1991-1995, SP, PT; Deputado Federal, 1995-1999, SP, PT; Deputado Federal, 1999-2003, SP, PT; Deputado Federal, 2007-2011, SP, PT; Deputado Federal, 2011-2015, SP, PT.

⁴³ Roberto João Pereira Freire. Deputado Federal, 1979-1983, PE, MDB; Deputado Federal, 1983-1987, PE, PMDB; Deputado Federal (Constituinte), 1987-1991, PE, PCB; Deputado Federal (Congresso Revisor), 1991-1995, PE, PCB; Deputado Federal, 2003-2007, PE, PPS; Deputado Federal, 2011-2015, SP, PPS; Deputado Federal, 2015-2019, SP, PPS.

⁴⁴ Leonel de Moura Brizola (1922-2004). Governador do Rio de Janeiro, 1983-1987; 1991-1994; Governador do Rio Grande do Sul, 1959-1963; Deputado Federal, GB, 1963-64; Deputado Federal, RS, 1955-56.



Era uma correria. Trabalhava muito mesmo. As votações iam até muito tarde. Mesmo assim, o Dr. Ulysses ia se encontrar com políticos para conversar e tentar chegar a acordos, que eram muito complicados. Isso fez com que eu trabalhasse muito. Mas gostava do que fazia. Achava muito bom estar no meio deles. O Presidente da República, às vezes, saía do Brasil e o Dr. Ulysses assumia a Presidência da República, na ausência. Eu ia para o Palácio e tinha certas mordomias. Gostava de viajar.

Durante a Constituinte, Alfredo Obliziner montou um esquema de agenda. Ele procurava saber com os jornalistas o que ia acontecer no dia seguinte. Nós montávamos uma agenda. A área de fotografia, no caso, tinha que fazer tudo, toda essa agenda, mais os serviços normais da Casa. Além disso, eu me pautava muito também pelos jornais *Correio Braziliense* e *O Globo*. Eles tinham fotógrafos aqui. Tinham uma pauta também, só que ela variava ao longo do dia. Vou dar um exemplo: a Comissão de Sistematização não estava dando conta de determinado assunto porque existia muito movimento lá. Eles não tinham como se reunir, etc. Estavam tentando negociar e não conseguiam. Então, eles saíam da Câmara e iam, por exemplo, para uma sala no Centro de Convenções Israel Pinheiro para resolver os problemas. Essas coisas não estavam na agenda, não faziam parte da agenda divulgada no dia anterior. Mas os jornais *O Globo* e *Correio Braziliense* tinham as informações do momento. Como eu tinha amigos fotógrafos, usava as agendas deles, além da minha. Por isso, saía, fotografava muito — muito mesmo! O arquivo fotográfico do Centro de Documentação e Informação - Cedi sobre a Constituinte é muito rico, muito grande. Não é simplesmente o que saiu no *Jornal da Constituinte*.

16. Na frente da lente

Quando Ulysses Guimarães, presidente da Constituinte, recebeu a Constituição, e ela não estava pronta ainda, não tinha a capa definitiva. A capa dela era diferente, não era aquela capa preta que ele mostrou no dia da promulgação da Constituição. No plenário, ele recebeu um exemplar da Constituição deste tamanho, mais ou menos, e a apresentou ao Plenário. Vieram muitos fotógrafos e cinegrafistas de todos os lugares. Todo mundo estava tirando fotos. O Dr. Ulysses autografou os



exemplares da Constituição que já estavam prontos e os deu para os fotógrafos, para as pessoas que estavam ali embaixo pedindo. Depois fizemos uma foto do grupo.

Foi muito legal. Achei glorioso. Aquele ali foi um trabalho árduo, de muita negociação. Eu, que acompanhei a Constituinte, posso dizer que não foi fácil. As pessoas não sabem a dificuldade que é imaginar o futuro, porque, na verdade, não se sabe o que vai vir pela frente. Busca-se a melhor forma, porém não se sabe o que vai dar certo ou não. É difícil. E negociar isso não foi fácil, porque, na Comissão de Sistematização, havia um volume imenso de informações com que eles tinham que trabalhar. Não foi fácil. Foi muito trabalhoso.

17. As regras da fotografia no *Jornal da Constituinte*

Eu não era acompanhado por um repórter para tirar as fotografias. Nós tínhamos de ter conhecimento do *clipping* para estar por dentro das notícias e, aí, utilizar a foto de forma jornalística. Muitas vezes, você vê no *Correio Braziliense*, por exemplo, um deputado mexendo no nariz, coçando o olho ou alguma coisa assim. Mas, no *Jornal da Constituinte*, isso não podia acontecer, a foto tinha de ter um padrão, para que o cara ficasse bonito, bem apresentável. Nós tínhamos certos problemas com isso. Eles ainda queriam que nós fôssemos jornalísticos o tempo todo. Por exemplo, se o deputado estava atrás do Ulysses Guimarães e fazia um sinal com os dedos, vamos supor, mostrando o número 4, era porque ele queria que fosse de 4 anos a votação do mandato do Presidente da República. Aí tínhamos de estar posicionados de forma que pegássemos o Presidente Ulysses e, atrás, os dedos do cara. Isso é fotojornalismo, é relacionar a fotografia com o acontecimento.

Isso fica difícil se você tiver preso a uns padrões também. Lá fora, por exemplo, você trabalha o jornal, que é mais fácil de mexer na fotografia, no tamanho da foto, etc. Na Câmara, não. Na Câmara, ele é fechado, é aquele pacotezinho. Você tem que se adaptar à foto, que tem que se adaptar àquele pacote, e o deputado tem que sair bem. Assim é difícil. Então, a foto não era tão jornalística, vamos dizer assim. Mas, como nós cobríamos e mandávamos fotos para outros jornais, fazíamos, então, vários tipos de foto. Nós tínhamos de ter sempre essa preocupação de fotografar de forma padrão para a Câmara e ter mais imagens para os jornais lá de fora.



18. Os créditos da fotografia no *Jornal da Constituinte*

Sempre fui ágil, muito ágil. Isso causou alguns problemas. Por exemplo, na época da Constituinte, o Alfredo Obliziner, que era o Diretor da Secom, da Assessoria de Divulgação e Relações Públicas - Adirp, observou que todas as fotos estavam com o meu nome. Ele achava que o jornal não era uma maneira de me promover, então, pediu ao Dalton⁴⁵, que era o chefe à época, para distribuir os nomes dos outros funcionários nas fotos. O Dalton colocava nas fotos o nome de uma pessoa que era até do arquivo. Ele pegava a foto do Reynaldo e botava o nome da May Wolf, da Benedita⁴⁶, entendeu? Ele fazia isso para mostrar que todos os funcionários estavam participando dos trabalhos. Esse foi um acordo que fizemos.

19. O aprendizado com Alfredo Obliziner

O Alfredo Obliziner me ensinou muito também. Ele era um jornalista que tinha vindo do *Correio Braziliense*. Antes o Dr. José Paulo⁴⁷ é que era o Diretor da Adirp. Como ele saiu e o cargo era de confiança, botaram o Alfredo Obliziner, que era do *Correio Braziliense*. Ele era funcionário público, e estava emprestado para o *Correio Braziliense*. Tinha uma capacidade muito grande na área de jornalismo, na área de jornal. Aprendi muito com ele a como ser realmente um fotojornalista, um fotógrafo que tem que estar ligado na notícia para saber como se posicionar, o que colocar na imagem. Era muito importante estar por dentro, saber quem era todo mundo, todos os ministros, todos os prefeitos. A gente tinha que conhecer todo mundo e saber os problemas de cada um, quem estava envolvido com o quê. Isso me deu um posicionamento muito bom na área de jornalismo. Sou muito grato ao Alfredo Obliziner, apesar de ter sido cobrado demais por ele, mas foi isso que fez com que me aprimorasse muito. Foi muito bom.

20. A seleção da fotografia no *Jornal da Constituinte*

O Alfredo Obliziner selecionava as fotografias. Gostava de seguir a pauta determinada por ele. Se fosse preciso, fazia reduções, porque não cabiam no jornal

⁴⁵ Dalton Eduardo Dalla Costa. Chefe de fotografia do *Jornal da Constituinte*.

⁴⁶ Benedita Rodrigues dos Passos. Equipe fotográfica do *Jornal da Constituinte*.

⁴⁷ José Paulo Silva.



todos os acontecimentos. E cobrava aquela pauta. A seleção era feita por tema jornalístico, e tinha o dedo do Presidente nisso. Antes de fechar o jornal, muitas vezes, Alfredo Obliziner consultava o Presidente. Aí muitas coisas mudavam. Isso acontece em todos os jornais. O que era o *Jornal da Constituinte*? O seu objetivo era levar ao público o que estava ocorrendo na Câmara. Muitas fotos importantes não eram publicadas porque não eram tão importantes quanto outras. Não podíamos fazer mais páginas — o número de páginas já era determinado.

Depois, nós fizemos um acordo com o Centro Gráfico do Senado Federal - Cegraf — Agaciel Maia era o Diretor na época —, que aumentou sua potência para melhorar o *Jornal da Constituinte*. Passou a ser usado um papel melhor, que demorava mais para estragar, e também houve um aumento do número de páginas — com uma mudança no número de colunas, era possível colocar mais imagens. Inicialmente, não podia fazer isso. Nós trabalhávamos com uma limitação. Se houvesse 70 acontecimentos na Casa, 5 ou 10 eram retratados. Não dá para colocar 70 acontecimentos num jornal.

21. Os caminhos da fotografia da Constituinte

Nós não fornecíamos imagens só para o *Jornal da Constituinte*, mas para jornais do Brasil inteiro, inclusive *O Globo* e *Correio Braziliense*. Nós temos fotos em todos os jornais da época. Além do *Jornal da Constituinte*, havia outros jornais, por exemplo, o de Sílvio Leite, que tinha o nome de *Constituinte*. Não era *Jornal da Constituinte*, mas *Constituinte*. Havia também os jornais dos estados dos deputados. Vamos supor que um deputado falasse sobre um tema importante e isso não fosse publicado no *Jornal da Constituinte*. Ele queria divulgar, no estado dele, que havia participado de tal reunião, que havia debatido sobre determinado assunto.

Nós divulgamos bastante a Constituinte. Foi bem divulgada. Com os recursos que nós tínhamos na época, que eram muito limitados. Nós não tínhamos TV. Aí foi contratada, acho, a Radiobras. E para o rádio, foi contratada a Empresa Brasileira de Notícias — EBN, porque nós só tínhamos *A Voz do Brasil* e quatro colegas que tinham que dar conta de não sei de quantas coisas. Tínhamos um grupo muito reduzido na época. Mesmo assim, acho que a Constituinte foi muito bem divulgada na época, em virtude dos recursos que existiam.



Inclusive, depois, em outros países do mundo, foram feitas exposições da época, mostrando o que aconteceu aqui. Eles, por exemplo, acham muito interessante que o povo aqui no Brasil teve acesso ao Parlamento, porque, nos outros países, normalmente não acontece isso. Lá a pessoa pode fazer sua manifestação, desde que seja lá fora, porque, dentro, só pode parlamentar. Aqui não, aqui eles viam as fotografias, que achavam muito interessantes, e queriam que fizéssemos uma exposição lá fora, mostrando, por exemplo, que a comissão estava cheia de gente, que o plenário tinha pessoas que não eram parlamentares, que era o povo mesmo, a classe pedindo que fosse votado e aprovado determinado assunto. Foi muito interessante.

22. Fotografias especiais para o *Jornal da Constituinte*

Nós não arranjávamos fotografia. As pessoas estavam lá. No gramado. Na rampa. Ou entre as cúpulas mesmo. A única fotografia que eu lembro que foi arranjada foi a da matéria sobre a pena de morte do Amaral Netto⁴⁸. Como fazer para relacionar a pena de morte no Amaral Netto à fotografia? Aí nós pegamos uma corda, fizemos um laço de força e fomos à frente do Congresso, que tinha um “*Pare*” no chão, pintado. Nós pegamos o “*Pare*”, o Congresso, a força. Eu não sei qual fotografia saiu, se foi a de uma pessoa andando e passando no meio da força⁴⁹. Foi alguma coisa assim.

Nós fazíamos isso de vez em quando, só para o *Jornal da Constituinte*. Como o *Jornal da Constituinte* muitas vezes apresentava temas que não tinham fotos, eles não usavam fotos de outros locais, como fazia o jornalzinho da Câmara, em que eles já começaram a usar outras imagens que não eram só da Câmara dos Deputados. Mas, naquela época, as fotos eram só da Câmara dos Deputados. Então, se o *Jornal da Constituinte* tinha uma matéria que precisava preencher um espaço, tinha de ter uma imagem, aí nós a criávamos. Agora eu estou me lembrando de outra matéria, sobre os militares na informática. Pegamos um quepe militar, colocamos sobre o

⁴⁸ Fidélis Dos Santos Amaral Netto (1921-1995). Deputado Federal, 1963-1967, GB, UDN; Deputado Federal, 1967-1971, GB, MDB; Deputado Federal, 1971-1975, GB, ARENA; Deputado Federal, 1975-1979, GB, ARENA; Deputado Federal, 1983-1987, RJ, PDS; Deputado Federal (Constituinte), 1987-1991, RJ, PDS; Deputado Federal, 1991-1995, RJ, PDS; Deputado Federal, 1995, RJ, PPR.

⁴⁹ Decisão de vida ou morte. *Jornal da Constituinte*. Brasília, 15 a 21 de junho de 1987, n. 3, p. 1; A pena de morte vale a pena? *Jornal da Constituinte*. Brasília, 15 a 21 de junho de 1987, n. 3, p. 9.



computador e fizemos uma foto⁵⁰. Criamos uma imagem. A ideia da fotografia era nossa. Nós tínhamos o tema da matéria e precisávamos criar uma foto em cima daquilo, o que muitas vezes não é fácil, pelo menos com o parlamentar. Colocar o parlamentar nisso é difícil. Só se acontecer. Até em lançamento de livro dos parlamentares, nós fazíamos a foto sem eles posarem. Não eram aquelas fotos posadas. Mas, por exemplo, quando o Presidente da República toma posse, ele recebe as condecorações, os convidados no Palácio. Aí se faz uma foto posada, porque ele está recebendo, fica em uma pose, e você fotografa. Isso também ocorre, por exemplo, num jantar na casa do Presidente. Aí há uma pose.

A foto jornalística não é posada. Ela é dinâmica, e tem que ser dinâmica. Veja o exemplo do Ailton Krenak. Ele pintou o rosto com tinta preta de jenipapo no plenário, na tribuna, antes de se pronunciar⁵¹. Não estava programado, mas não foi sorte, porque havia um fotógrafo que ficava direto dentro do plenário. Nós ficávamos direto. Eu, por exemplo, quando o Presidente da Câmara está presidindo o Plenário, eu estou com ele, colado. Vou fotografando todo mundo que fala. E isso acontecia. Mas nós não temos uma previsão. Primeiro, ele não poderia fazer isso. Ele o fez porque não avisou para ninguém, senão as pessoas não iriam deixá-lo fazer isso. Na época, o Secretário-Geral da Mesa era o Paulo Affonso. Ele não ia permitir isso. Ele só permitiu porque não sabia, e o cara começou a fazer, e pronto. Eu acho isso.

23. O arquivamento das fotografias da Constituinte

Na época da Constituinte, não existia muito recurso em fotografia. Nós fazíamos as imagens e as colocávamos num envelope que a Câmara fornecia, um envelope padrão. Cortávamos os negativos, colocávamos no envelope e escrevíamos nesse envelope a informação simplificada — não era a identificação de cada negativo. Pegávamos, fazíamos um contato — contato é a foto do negativo — e o colávamos numa folha. Ali havia as imagens identificadas, etc.

Com o manusear dessa folha e o envelope colado atrás, com os negativos, a aba do envelope ficava aberta. O que aconteceu? Os negativos caíam e a pessoa

⁵⁰ Fotografia não localizada.

⁵¹ Um povo e nossa memória estão em jogo. *Jornal da Constituinte*. Brasília, 7 a 13 de setembro de 1987, n. 15, p. 12.



responsável, na época, juntou vários negativos, sem identificação, porque já não sabia mais de qual envelope era aquilo, e mandou para o Cedi arquivar como sendo da Constituinte.

Alguns anos depois da Constituinte, quando todos os envelopes estavam aqui, visitei o Cedi, porque iria fazer uma exposição e precisava das imagens. Vi que realmente o nosso acervo estava sem identificação, os negativos não estavam no invólucro correto, etc. Eu, juntamente com a Diretora da época, consegui comprar os envelopes corretos, que não são ácidos, para não estragar os negativos e fazer com que eles durem mais tempo.

Agora, com esse pessoal novo, até criei um sistema para que fotografem cada negativo, para termos digitalizado todo o acervo da Constituinte. Isso estão fazendo e já estão praticamente terminando o trabalho. Porém, a identificação dessas imagens não existe. Isso é muito ruim, porque, no futuro, quando alguém quiser fazer um levantamento, haverá poucas imagens com a identificação correta, com o nome do parlamentar, com o que aconteceu realmente. O restante está misturado, ou não tem identificação, ou o negativo se perdeu porque estragou. Isso é ruim.

Fico triste em saber disso, dada a importância da Constituição e a dificuldade com que essas imagens foram feitas. Não há como recuperar essas informações. Eu, por exemplo, tenho capacidade de identificar muita coisa, mas como são muitos negativos, não sei nem quantos mil, teria de passar anos aqui só para isso.

Vejo que as pessoas que tinham capacidade de fazer essa identificação vão esquecendo também e se aposentando. A maioria que conheço já está aposentada. Isso vai ficar assim. É triste. Espero que a gente consiga futuramente criar um sistema. O Marcelo⁵², que é o chefe agora, está empenhado em conseguir um programa de identificação facial que o FBI usa. Isso vai ser muito bom. Espero que ele consiga. Vou me aposentar, mas, se puder, vou trabalhar pelo menos um ano a mais aqui para melhorar essa identificação, junto com eles. É isso aí.

V - DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA

1 Data: 17/07/2017

2. Local: Sala de obras raras do Cedi

⁵² Marcelo Carneiro da Fontoura.



3. Duração: 1h43min
4. N° do arquivo: 005
5. Responsável pela pesquisa e elaboração do roteiro: Rildo José Cosson Mota – P_6741
6. Entrevistador: Rildo José Cosson Mota - Assistente: Rodrigo Ruperto Souza Xavier (P-701831) – Estagiário
7. Equipe de vídeo: Getsemane Luiz da Silva (P-6317) – Diretor; Roberto Query – Cinegrafista; Roberto Jorge Bispo (P_3002831) – Auxiliar de Cinegrafista
8. Fotografia: Frederico Beck (P_701.756)
9. Responsável pela transcrição: Detaq
10. Data da transcrição: 30/08/2017
11. Responsável pela edição de texto: Rildo José Cosson Mota – P_6741